

“PEREGRINATIO AD LOCA ITALICA”,  
APUD JORGE DE SENA

GILDA SANTOS\*

NÃO FALTAM convidativas e intermináveis ramificações, transversalidades e veredas a quem se embrenha pela obra de Jorge de Sena. Tendo de escolher uma trilha, proponho-me a inventariar o diálogo desse “escritor português, cidadão brasileiro e professor americano”<sup>1</sup> com a cultura italiana – a qual, como se verá, ele imensamente prezava.

De pronto, recordo que Sena, nascido em Lisboa em 1919, foi um dos primeiros intelectuais portugueses declaradamente anglófilos, bem antes de a língua inglesa conquistar a hegemonia de hoje, fruto de prestígio crescente a partir da Segunda Guerra Mundial, e se tornar a *língua franca* dos tempos da Globalização. Assim, além dos louvores multímodos que Sena lhe teceu ao longo da vida, são numerosíssimas as referências à cultura anglófona na sua produção, sem esquecer que dedicou vários estudos críticos a autores de língua

\* Professora de Literatura Portuguesa na UFRJ, aposentada em 2006. Vice-Presidente do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, onde criou, em 2001, o Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras, que continua sob sua Coordenação-Geral. Pesquisas de Pós-Doutorado nos USA (Santa Bárbara) e em Lisboa (BN). Ex-Pesquisadora do CNPq, tem inúmeros ensaios publicados no Brasil e no exterior, principalmente sobre a obra de Jorge de Sena. Publicou recentemente o livro *Camilo Pessanha em dois tempos*, em co-autoria com Izabela Leal.

<sup>1</sup> Assim Jorge de Sena se auto-apresentou várias vezes.

inglesa e ainda traduziu e prefaciou obras de Graham Greene, Ernest Hemingway, William Faulkner, Eugene O'Neill e poemas de Emily Dickinson, entre outros. Contudo, a entrada de Jorge de Sena no vasto mundo da cultura, deu-se, bem cedo, pelo alto e largo portal das línguas neolatinas. Tendo começado a ler aos três anos de idade, Sena aos dez já dominava o francês, língua cultivada no âmbito familiar. E pouco depois o espanhol e o italiano entraram em seu rol de competências, alargando sua insaciável voracidade de leitor compulsivo.

Tanto quanto me foi possível rastrear, o primeiro momento em que, diante de ampla platéia, Sena tratou publicamente de tema italiano, foi dedicado à chamada sétima arte – o cinema. De 1949 a 1955, realizavam-se em Lisboa as *Terças-feiras clássicas*, promovidas pelo Jardim Universitário de Belas Artes, o JUBA, com o intuito de “dinamizar a discussão pública de problemas relacionados com as artes em geral”<sup>2</sup>. E nelas atuava com frequência o nosso escritor, que nessa altura já havia publicado seus primeiros livros, mas continuava a ter a sobrevivência assegurada pelo cargo de engenheiro na Junta Autónoma das Estradas. Competia-lhe comentar os filmes que a seguir eram exibidos, o que muito agradava a este cinéfilo assumido.

Dos 15 que comentou, constava o italiano – *Miracolo a Milano*, de Vittorio de Sica, exibido no dia 28 de julho de 1953, objeto de cuidadosa análise. Sob o tãção repressor de Salazar, a Censura exigia que todos os textos lhe fossem previamente submetidos e muitos dos de Sena sofreram cortes, como este sobre o filme italiano, que teve riscada uma alusão aos chamados bairros de lata. Relido, já em março de 1955, numa sessão do cinema Capitólio, sofreu nova mutilação, na segunda parte da frase “este filme que vão ver, ou

rever o que dele resta”, pois a referência foi interpretada não como cortes devidos ao mau estado do filme, mas sim como efetuados pela própria Censura, o que também poderia ser... A coletânea *Sobre cinema*, que reúne na íntegra a crítica cinematográfica de nosso polifacetado autor, registra bem esses percalços.

Censores – a bem da Pátria – também presenciavam tais sessões, encarregados de relatar que nada de *pernicioso* atingira o público. No *dossier* de Jorge de Sena na PIDE, encontrei vários desses documentos e a nota curiosa é que um dos assíduos *inspetores* parece interessar-se cada vez mais por cinema, a ponto de os últimos relatórios que assina conterem avaliações pessoais sobre os filmes que fora obrigado a assistir...

A escolha dos filmes exibidos nessas sessões decerto dependia dos mais diversos fatores e dificilmente passaria pelas preferências pessoais de quem os apresentava. Bem ao contrário, é de inteira responsabilidade de Sena a resposta à velha pergunta “Quais os dez filmes que levaria consigo para uma ilha deserta?”, formulada em abril de 1968 pela prestigiosa revista *O Tempo e o Modo*, em número dedicado ao escritor. E aí, Sena prioriza na sua lista as películas italianas, com 4 indicações, sobrepondo-as a 3 americanas, 1 grega, 1 sueca e 1 francesa. São elas: 8 1/2, de Fellini; *Blow-up*, de Antonioni; *Rocco i suoi fratelli*, de Visconti; e *Umberto D*, de Vittorio de Sica.

Tangencialmente a esse veio cinéfilo, vale lembrar que em 1970, sob pretexto da entrada em circulação do filme *Satyricon* de Fellini, Sena escreveu o artigo “Petrônio, o do *Satyricon*”, no qual analisa a originalíssima obra literária do mestre latino, enveredando mesmo por sua poesia. Destinado ao *Diário Popular* de Lisboa, o ensaio não pôde então ser publicado. Em nota de 1977, esclarece o autor: “A censura cortou-o integralmente, e o meu velho amigo Jacinto Baptista mandou-me (e passaram no correio...) as provas

<sup>2</sup> Jorge de Sena (organização e introdução), *Sobre cinema*, Lisboa, Cinemateca Portuguesa, 1988.

comprovativas com o lápis – horror – vermelho da censura. [...] Diga-se de passagem que os poemas (cortados também) vieram a ser incluídos, com outros mais a Petrónio atribuídos, na coletânea de traduções minhas, *Poesia de 26 séculos...*<sup>3</sup>. Percebem-se bem as incoerências de um regime de coerção e entende-se também porque o texto foi depois publicado pelo seu autor na miscelânea que, sintomaticamente, intitulou de *O Reino da Estupidez...*

Não escaparam ao olhar atento de Jorge de Sena as demais artes em que os italianos são fecundos, como o teatro. Ele próprio autor de algumas peças, assinou durante vários anos (de 1947 a 1959), em periódicos de prestígio como a revista *Seara Nova*, a crítica a espetáculos apresentados em palcos portugueses, o que o levava, não raro, a extrapolar a encenação e a tecer considerações mais consistentes, próximas ao ensaio, sobre os dramaturgos e sua obra dramática<sup>4</sup>. Assim, comentou famoso espetáculo de fantoches dos *Piccoli di Podrecca* e as peças *Filippo II*, de Alfieri; *Fiorina*, de Angelo Beolco, *il Ruzzante*; *Re Cervo*, de Gozzi; *Il bugiardo*, de Goldoni; *Processo a Gesù*, de Diego Fabri; além de 4 montagens de Pirandello: *L'uomo dal fiore in bocca*; *Ciascuno a suo modo* ou *La verdad de cada cual* (numa versão espanhola) e o insuperável *Sei personaggi in cerca d'autore*.

Em termos ensaísticos *stricto sensu*, cabe sublinhar primeiramente, em virtude dos alentados estudos que Sena consagrou a Camões e seu tempo, as reflexões constantes sobre todos os grandes nomes – desde Dante e Petrarca – que condicionaram os princípios do Humanismo e do Renascimento que da Itália partiram para todo mundo ocidental. E, nesse afã da mais ampla contextualização da obra camonianiana, enfatize-se a originalidade que Sena trouxe à investigação que na altura se

<sup>3</sup> Jorge de Sena, *O Reino da Estupidez II*, Lisboa, Moraes, 1978 p. 149.

<sup>4</sup> Essas críticas estão reunidas em Jorge de Sena, *Do teatro em Portugal*, Lisboa, Ed. 70, 1988.

praticava em Portugal, visto que a quase totalidade dos “camonistas oficiais” (como ironicamente ele os designa) pouco se preocupava em examinar o que se passava além das fronteiras portuguesas antes, durante e depois do quinhentismo.

Embora o interesse analítico por Camões cedo o tenha manifestado, é sobretudo no Brasil que Sena o pode desenvolver, atrelado às funções acadêmicas que exerceu nas universidades de Assis e Araraquara, então recém-criadas no interior de São Paulo.

Um parêntese: Sena auto-exilara-se no Brasil em 1959, graças a providencial convite para participar de um congresso na Bahia, pois temia as conseqüências, para si e sua já numerosa família, de ter participado, nesse ano, de um Golpe contra Salazar – o chamado Golpe da Sé. Ao decidir fixar-se no país, recusou propostas mais vantajosas na área de engenharia e optou pela carreira universitária, para a qual fora talhado, segundo todos os depoimentos de quem o conheceu.

Além de numerosos ensaios dispersos por periódicos (hoje felizmente coletados em livros<sup>5</sup>), elaborou duas alentadas teses sobre o poeta renascentista: *Uma canção de Camões*<sup>6</sup> e *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular*<sup>7</sup>. Com a última obteve, em 1964, o seu Doutorado e Livre Docência – *summa cum laude* – na universidade de Araraquara. Mas, a par dessa dedicação científica ao poeta d’Os *Lusíadas*, frise-se que foi também no Brasil que Sena começou a tomar Camões como *personagem* recorrente de sua obra literária. A primeira manifestação, instituindo-o como uma espécie de seu *alter-ego*, encontra-se no poema “Camões

<sup>5</sup> Vd. Jorge de Sena, *A estrutura de “Os Lusíadas” e outros estudos camonianos de poesia peninsular do século XVI*, Lisboa, Ed. 70, 1982; *Trinta anos de Camões I e II*, Lisboa, Ed. 70, 1980, 2 v.; *Estudos sobre o vocabulário de “Os Lusíadas”*, Lisboa, Ed. 70, 1982.

<sup>6</sup> Jorge de Sena, *Uma canção de Camões*, Lisboa, Ed. 70, 1984.

<sup>7</sup> Jorge de Sena, *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular*, Lisboa, Ed. 70, 1980.

dirige-se aos seus contemporâneos"<sup>8</sup>, de 1961, inserido na parte central do livro *Metamorfoses*, que, como se sabe, compreende imagens que reproduzem objetos das artes visuais a dialogarem com os textos poéticos. Para ilustrar este poema Sena escolheu uma cabeça de Camões esculpida pelo artista ítalo-brasileiro Bruno Giorgi, ainda hoje patente no Palácio Capanema do Rio de Janeiro, onde o poeta a teria visto.

Mas, retornando aos ensaios, Sena debruçou-se ainda mais detidamente, em artigos específicos publicados em revistas e cadernos literários de jornais, sobre autores italianos de várias épocas<sup>9</sup>: Michelangelo, Vittoria Colonna, Marquesa de Pescara (contemporânea e amiga do anterior), Niccolò Machiavelli (sobre o qual, além de exaustivo estudo introdutório a *Il Principe*, escrito para a coleção *Livros que abalam o mundo*, deixou inédito um verbete destinado a uma enciclopédia que não chegou a ser editada<sup>10</sup>); e ainda Galileu e Ungaretti. Este último, além de longo texto autônomo, mereceu-lhe outro, de aproximação com Pessoa e T. S. Eliot, pelo fato de os três terem nascido no mesmo ano. Nele, "1888 e a poesia", considera Ungaretti "o maior poeta vivo" da Itália, afirmando sobre os três: "A poesia das suas respectivas línguas e a poesia universal só por equívoco continuaram a ser as mesmas depois da revolução expressiva que cada um deles efectuou"<sup>11</sup>.

Num espaço intermédio entre ensaio e criação situam-se as muitas traduções que Sena fez, tanto de livros na íntegra, quanto de textos isolados – em geral visando à ampliação do

orçamento doméstico, de hábito escasso devido à extensa prole. No caso de autores italianos, limitou-se à tradução de poemas, acompanhados sempre de notas biográficas e críticas sobre os autores e as páginas traduzidas. Na soberba antologia intitulada *Poesia de 26 séculos – de Arquíloco a Nietzsche*<sup>12</sup> encontramos um total de 30 poemas dos 14 poetas italianos que enumero: S. Francesco de Assisi, Cecco Angiolieri, Dante Alighieri, Cino de Pistoia, Francesco Petrarca, Franco Schetti, Lorenzo de Médicis, Serafino Aquilano, Michelangelo Buonarroti, Vittoria Colonna, Torquato Tasso, Giordano Bruno, Tommaso Campanella e Giacomo Leopardi.

Na antologia que dá continuidade àquela, de mesma estrutura – *Poesia do Século XX, de Thomas Hardy a C. V. Cattaneo*<sup>13</sup> – Sena selecionou 60 poemas de 17 poetas: Giovanni Pascoli, Gabriele D'Annunzio, Ada Negri, Umberto Saba, Dino Campana, Aldo Palazzeschi, Sergio Corazzini, Vincenzo Cardarelli, Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale, Salvatore Quasimodo, Sandro Penna, Cesare Pavese, Franco Fortini, Elena Bono, Pier Paolo Pasolini e Carlo Vittorio Cattaneo. Como se conclui das duas longas enumerações, é amplíssimo o conhecimento que Sena revela da poesia em italiano, ratificado quando muitos desses nomes reaparecem em epígrafes de livros seus ou em referências, aqui e ali espalhadas por sua obra de criação (o que seria impossível neste espaço rastrear).

Chegando ao vasto campo da poesia, atinge-se o universo privilegiado por Jorge de Sena, pois em inúmeras situações, frisou que, acima de tudo, considerava-se poeta. Um poeta que escreveu ficção e teatro, ensaios eruditos e críticas argutas, composições irônico-satíricas e páginas sublimes, mas que elegeu a lente da poesia para observar o humano, a vida, o mundo. E sob o título de *diário poético* inscreveu toda sua obra.

<sup>8</sup> Jorge de Sena, *Poesia II*, Lisboa, Ed. 70, 1988, p. 97.

<sup>9</sup> Hoje, a maioria desses ensaios encontram-se publicados nos livros: Jorge de Sena, *Maquiavel, Marx e outros estudos*, Lisboa, Cotovia, 1991; e *O dogma da trindade poética (Rimbaud) e outros ensaios*, Porto, ASA, 1994.

<sup>10</sup> O verbete Niccolò Machiavelli, datado de 1-8-1975, integraria a *Enciclopédia* projetada, em 1974, pelo *Jornal do Fundão*, que não chegou a ser editada.

<sup>11</sup> Jorge de Sena, *O dogma da trindade poética (Rimbaud) e outros ensaios*, Porto, ASA, 1994, p. 149.

<sup>12</sup> Jorge de Sena, *Poesia de 26 Séculos – de Arquíloco a Nietzsche*, Porto, ASA, 2001.

<sup>13</sup> Jorge de Sena, *Poesia do Século XX, de Thomas Hardy a C. V. Cattaneo*, Porto, ASA, 2003.

Numa copiosa produção, à volta de 1500 poemas, publicada em 18 livros (incluindo os que reúnem centenas de inéditos, postumamente compilados por sua incansável viúva, Mécia de Sena), sobejam interlocuções com a Itália, de que passo a respigar exemplos:

Como protagonista de muitas *andanças* pelo mundo, as viagens que fez a terras italianas realizaram-se apenas nos anos 60 e 70, depois de já se ter estabilizado como professor universitário dos Estados Unidos, para onde se transferira em 1965, em decorrência do Golpe Militar de 1964 que o desestimulara de permanecer no Brasil. Assim, a par de apontamentos num diário de viagem ou umas poucas notas esparsas, legou-nos alguns poemas de registros geográficos marcantes da bela Itália, como *Florença vista de San Miniato al Monte*, *Roma e Vila Adriana* (do livro *Peregrinatio ad loca infecta*<sup>14</sup>); *Ravena*, *Escrito em Verona*, *Verona e uma trovada de Verão* e *Piazza Navona e Bernini* (do livro *Exorcismos*<sup>15</sup>) e ainda *Veneza e Roma no Verão* (do livro póstumo *40 Anos de Servidão*<sup>16</sup>). Como de hábito, Sena ultrapassa com mestria o que poderia ser meramente descritivo e circunstancial e alça vôo, levando-nos consigo em ponderações nada “turísticas” ou inconsequentes. Exemplo perfeito é “Vila Adriana”<sup>17</sup>:

De súbito, entre as casas rústicas, e a estrada,  
e o monte agreste e Tívoli, o invisível  
oásis gigantesco.

Ao sol que passa  
um arvoredado esparsos, os campos verdes e  
paredes, termas, anfiteatros, lagos,  
e a paz serena e longa do Canopo

<sup>14</sup> Jorge de Sena, *Poesia III*, Lisboa, Ed. 70, 1989.

<sup>15</sup> *Ib.*

<sup>16</sup> Jorge de Sena, *40 Anos de servidão*, Lisboa, Ed. 70, 1989.

<sup>17</sup> Jorge de Sena, *Poesia III*, p. 104.

onde como antes cisnes vogam.  
Palácio, o império em miniatura,  
e sobretudo a solidão povoada  
de guardas, secretários, servidores,  
e gladiadores, e de uma sombra hercúlea,  
ao mesmo tempo tênue e flexível,  
e em cuja frente os caracóis se enredam.  
Neste silêncio em ruína, as sombras descem frias.  
Mas para sempre o Imperador está vivo,  
e o sonho imenso de um poder tranqüilo  
em que até mesmo escravos fossem livres  
e as almas fossem corpos só tementes  
de não salvar na vida o ser-se belo e jovem.

Repare-se como a partir de poucas e precisas pinceladas passamos das ruínas visitáveis de hoje para a revivescência de um passado romano, tornando “império em miniatura” as pedras que conservam os vestígios da humanidade que por ali passou. Humanidade cheia de funções, movimentos e sonhos, como a de todos os tempos<sup>18</sup>. Não tivesse sido escrito poste-

<sup>18</sup> É estimulante confrontar o poema com a apresentação que Sena faz de Adriano, observando também o padrão introdutório – informativo e avaliativo – aos textos traduzidos e antologiadados: “Adriano, Públio Élio, Nasceu nas proximidades de Sevilha em 76 da nossa era, e era aparentado com o Imperador Trajano, oriundo da Espanha como ele, e a quem sucedeu, por adopção, em 117. Um dos grandes imperadores de Roma, e uma das mais fascinantes personalidades da sua história. Adriano reinou até morrer em 138. Interessado na literatura e nas ciências, amante das artes, foi notória também a sua curiosidade pelos mistérios das religiões greco-orientais e pelo ocultismo e a magia. Apaixonado de Helenismo e do Próximo Oriente helenizado, restam dele alguns poemas em grego e o breve poema latino que, segundo os historiadores do seu reinado, teria composto, irónicamente, ao sentir-se morrer. É um dos poemas mais célebres da Antiguidade, e aquele que, através de Petrarca, que comentou e imitou, se tornou a fonte de um dos tópicos mais ilustres das literaturas modernas. Na verdade, uma tradução que pode propor-se para ‘Anima vagula blanda’ é... ‘Alma minha gentil que te partiste’. [...] Adriano é personagem, indirectamente, da literatura portuguesa moderna, como protagonista de *Antinous*,

riormente à publicação do livro *Metamorfoses*<sup>19</sup>, este poema poderia integrá-lo, tal a afinidade com os demais que compõem essa obra-prima em que Sena bem demonstra o quanto é onívoro no que tange à fruição das diferentes artes. Efetivamente, nesse livro de 1963, faz dialogar poemas e objetos pictóricos, arquitetônicos, escultóricos, fotográficos, de vários tempos, formando seu particular museu. Com referências italianas explícitas, nele encontramos os poemas *Céfalo e Procris*, relativo ao quadro *A morte de Prócris* de Piero di Cosimo, e "*Eleonora di Toledo, Granduchessa di Toscana*", de *Bronzino*, este dedicado a seu amigo brasileiro, e grande amigo da Itália, Murilo Mendes. O último é perfeito retrato *maneirista* da esposa de Cosme I de Médicis (1519-1574). Num excelente exemplo de interdiscursividade da chamada *poesia efrástica* – a que retoma os conceitos de Horácio de que a pintura é poesia muda e a poesia é pintura que fala – aqui temos também um retrato denso não só da personagem retratada, mas do tempo em que viveu e da arte que a eternizou para nós.

O livro seguinte, de 1968, é *Arte de Música*<sup>20</sup> e, na trilha de fixar o diálogo entre poesia e diferentes linguagens, de que acabou sendo um precursor na literatura portuguesa do século XX, seus poemas *reescrevem* peças musicais, sobretudo da chamada música clássica, compondo uma particularíssima fonoteca. A presença italiana é marcante e os títulos falam

um dos poemas ingleses de Fernando Pessoa, em que este poeta retrata a dor de Adriano ante o cadáver do seu favorito, e a sua decisão de deificá-lo (o que efectivamente fez, e as estátuas de Antínoo, que essa decisão provocou são do melhor que a escultura do período produziu); e foi-o depois da literatura francesa contemporânea pelas imaginárias *Memórias de Adriano* que Marguerite Yourcenar escreveu e que são uma obra prima de reconstituição histórica e de análise de uma personalidade tão complexa como foi o que criou, perto de Roma, como seu refúgio, uma imensa miniatura do Império, a Vila Adriana, ainda hoje uma das mais impressionantes ruínas da Antiguidade", Jorge de Sena, *Poesia de 26 Séculos – de Arquíloco a Nietzsche*, 3.<sup>a</sup> ed., Porto, ASA, 2001, pp. 283-284.

<sup>19</sup> Jorge de Sena, *Poesia II*, 1988.

<sup>20</sup> *Ib.*

por si: *Wanda Landowska tocando sonatas de Doménico Scarlatti, Ainda as sonatas de Doménico Scarlatti, para cravo, La Bohème de Puccini e Princesa di Morte*. Transcrevo o segundo<sup>21</sup>, dedicado a esse compositor tão ligado, como se sabe, à Corte portuguesa setecentista:

Nesta percussão tecladamente dedilhada como violas pensativas ou como pandeiretas de bailado que em requebros sapateia a dança desenvolta, há uma ocasional melancolia que não sei se é do compositor, se de quem toca, se de mim que ouvindo estas breves sonatas como que relembro imagens e notícias que se misturavam já quando as vi ou conheci, e que não quero permitir que estejam nelas só música tão docemente escrita qual o pensamento de um homem que as não viveu por mim. Porque é deste pensamento que elas falam, apenas por uma lógica severamente graciosa de sons e cadenciados andamentos que do ritmo fazem uma forma com idéias. Só isto eu posso permitir que me comova e dê tão sonhadora visão das coisas e dos seres. Tudo o mais seria desrespeito meu àquilo mesmo que elas me dizem sem dizer que seja vida minha, mas humana vida de que sou parte apenas porque escuto.

Assim como antes o foram as artes plásticas, as peças musicais agora relidas pela poesia desencadeiam o rastrear da marca de humanidade deixada em cada criação do homem e promovem encontros insuspeitados. Variante da *dignidade humana* que Sena extraordinariamente delineia no poema *Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya*<sup>22</sup> e que pulsa em toda a obra que nos legou.

<sup>21</sup> *Ib.*, p. 174.

<sup>22</sup> *Ib.*, p. 123.

Além desses marcos expressivos, ainda poderia recortar outros, esparsos, como títulos de poemas (“Nel mezzo del camin...”<sup>23</sup>), citações de frases ou palavras italianas inseridas nos textos e até uns versos no rastro da *poesia de escárnio e maldizer*<sup>24</sup>... Não descartando a prosa de ficção, considero impossível ler o seu conto *O grande segredo*<sup>25</sup> sem se visualizar a famosa Santa Teresa de Bernini...

No âmbito das culturas neolatinas, não ousou precisar quantitativamente qual a mais invocada na obra de Sena. Contudo a italiana parece-me ser a mais carregada de afetividade positiva, para a qual terá contribuído o número de amigos que fez na Itália, de que Luciana Stegagno-Picchio e Carlo Vittorio Cattaneo seriam perfeitos exemplos, ambos à frente das traduções e da merecida fortuna crítica que Sena aí angariou. Luciana, em particular, é diretamente responsável por três grandes homenagens que da Itália Sena recebeu: a atribuição do prêmio Etna-Taormina, o volume especial dos *Quaderni Portoghesi*<sup>26</sup>, hoje preciosidade bibliográfica, e o delicado livro de poemas em que postumamente o presentifica<sup>27</sup>.

Comprovando essa afetividade – e já ressaltando que, para um assumidíssimo *anglófilo*, não são poucas as referências italianas por parte de Jorge de Sena... – evoco dois importantes discursos, proferidos na Itália, nos últimos anos de vida do escritor:

O primeiro, *Para um balanço do Século XX – Poesia europeia e outra*<sup>28</sup>, atendeu a convite de participação num Simpósio Internacional de Escritores, que se reuniria em Grado,

<sup>23</sup> Jorge de Sena, *40 Anos de servidão*, p. 88.

<sup>24</sup> Ver os poemas *Em louvor da Itália* e *Festa dos tolos* em Jorge de Sena, *Sequências*, Lisboa, Moraes, 1979, pp. 45 e 82.

<sup>25</sup> Jorge de Sena, *Antigas e novas andanças do demónio*, Lisboa, Ed. 70, 1981.

<sup>26</sup> Luciana Stegagno Picchio (org.), *Quaderni Portoghesi*, 13-14 (n.º esp.), Pisa, Giardini, 1983.

<sup>27</sup> Luciana Stegagno Picchio, *La terra dei lotofagi – poesie con note*, Milano, All'insegna del Pesce d'Oro, 1993.

<sup>28</sup> Jorge de Sena, *Dialécticas teóricas da literatura*, Lisboa, Ed. 70, 1977.

cerca de Trieste, em setembro de 1976. Contudo, devido a tremores de terra ocorridos na região, o congresso foi cancelado. Mas os convidados que já se encontravam a caminho, foram orientados a prosseguir viagem, apresentando seus trabalhos em outras cidades da Itália. Assim, Jorge de Sena lê o seu na Universidade de Roma, surpreendendo o auditório ao defender a tese da “inexistência do século XIX, [idéia] exatamente oposta à de ideólogos que insistem em que tal século ainda não acabou”. E no meio dessas páginas, uma referência à Itália, sob ângulo inesperado:

Aquilo que eu peço – e não só em nome do meu país de origem – é que as chamadas grandes culturas (geralmente identificadas com as grandes potências, é claro, ou com as potências que o foram num contexto europeu) desçam um pouco das suas orgulhosas torres de marfim, e reconheçam ou busquem reconhecer, que todos nós, de uma maneira ou de outra, podemos haver contribuído para as riquezas humanas neste século e/ou em vários outros. Estamos agora na Itália, e a Itália é um caso excelente. Certamente que a Itália não vem na lista dos pequenos países. Por certo que a Itália contém milhões de restos da glória de Roma, e a própria cidade de Roma. Por certo que houve o Renascimento, ainda que, de hoje em dia, historiadores e críticos não se sintam muito seguros acerca de o que ele foi ou quando aconteceu e por quanto tempo durou. E por certo que a literatura italiana, até hoje, tem continuado a dar ao mundo alguns dos seus melhores escritores. Mas, fora da Itália, mesmo entre as vastas colónias de emigrantes italianos no estrangeiro, quem sabe disto, a não ser o círculo de alguns estudiosos e dos seus estudantes? Para a maioria, a grandeza da Itália é representada pela *pizza* e pelo *spaghetti* e um ou dois nomes de vinhos. *Et ainsi va le monde*. Oh, perdão: há, é claro, para os católicos praticantes, o Vaticano, mas em estritos termos, e seguindo os tratados políticos existentes, o Vaticano não é a Itália<sup>29</sup>

<sup>29</sup> *Ib.*, p. 254.

Do segundo discurso, lido em italiano na cerimônia de recepção do citado prêmio<sup>30</sup>, no dia 25 de abril de 1977 (um ano e dois meses antes de sua morte), destaco o trecho com o qual concluo este pequeno inventário e que selecionei por nele se distinguir claramente o quanto Sena se confessa capaz de beber (forçada ou voluntariamente...) em outras fontes culturais para ainda mais alimentar sua (malfadada) portugalidade:

Pela primeira vez na vida, por estranho que pareça, recebo um prêmio de poesia. Vejo-me assim numa ilustre companhia de duas séries de poetas: os estrangeiros e os italianos, em que o prêmio se divide, e em ambas as listas, encontro admirações da minha juventude, mestres grandes da poesia moderna, alguns amigos queridos que a morte já levou, e cerca de uma dezena de poetas italianos e outros que traduzi para o português. [...] Mas, para mim, o Prémio Etna-Taormina evoca muitíssimo mais, o que provavelmente lhes custará a crer, mas é verdade. A Sicília, que visito pela primeira vez, graças a esta generosa oportunidade que a Itália me concede, foi sempre, desde a minha juventude, um dos países com que sonhei. [cita a seguir vários de seus *heróis*] E assim, num dia tão significativo, nesta Sicília simbólica de quanto o Ocidente produziu e fundiu de civilização, aqui tendes este português com mais de uma pátria e que, assim sendo, deixem-me informar-vos, representa realmente Portugal. O meu país sempre, desde que começou há mais de oito séculos, exportou mais homens do que outra coisa. E sempre foi para os seus filhos uma pátria ingrata, sem que esses filhos deixassem de amá-la profundamente.<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Jorge de Sena, "Discurso do XV Prémio Internacional de Poesia Etna-Taormina", in Jorge Fazenda Lourenço (ed.), *A arte de Jorge de Sena: uma antologia*, Lisboa, Relógio d'Água, 2004.

<sup>31</sup> *Ib.*, pp. 369, 370, 371.